

Bloco de Notas

Qual é o País mais Globalizado?

A revista *Foreign Policy* tentou, no seu último número, fazer um exercício inédito: medir os níveis de globalização dos vários países. Na era da globalização, qual será o país mais globalizado? A resposta é: Singapura. Apesar das suas pequenas dimensões, Singapura ultrapassa em muito os seus rivais mais próximos em termos de contacto de pessoas para além das fronteiras, e tem um nível de tráfego telefónico internacional anual de 390 minutos *per capita*. O número de estrangeiros a visitar Singapura é o triplo da sua população (os Estados Unidos, por exemplo, têm um tráfego telefónico para o exterior muito inferior e uma percentagem de turistas também bastante menor tendo em conta a sua população). Outro país que ocupa um bom lugar na escala dos mais globalizados é a Holanda, acompanhada pelos países nórdicos, que apostaram forte no desenvolvimento da Internet. Quanto aos países em vias de desenvolvimento, o estudo alerta para alguns riscos, citando o caso da Malásia, onde foram investidos milhões de dólares num Super Corredor Multimedia, enquanto a maioria das escolas primárias não tem computadores, e cerca de 10% ainda têm problemas de abastecimento de água e electricidade. O resultado é uma infra-estrutura impressionante, sem o necessário capital humano para a apoiar. 📡



Pessimismo em Hong Kong

Num artigo marcado pelo pessimismo, a *Far Eastern Economic Review* de 25 de Janeiro analisa a súbita demissão de Anson Chan, a número dois da administração de Hong Kong e uma figura considerada indispensável para uma transição pacífica no território. A sua saída (que se concretizará no final de Março) marcará “uma mudança profunda na cultura política de Hong Kong”, defende o autor do texto, para quem Anson Chan “representava a última esperança de manter à margem a política ao estilo da China continental”. A primeira “vítima” desta nova cultura política, segundo a revista, serão as manifestações públicas de protesto. Duas das atitudes de Chan que irritaram particularmente Beijing foram o apoio dado por ela a uma reunião da seita Falun Gong num edifício governamental, e o facto de ter tentado adiar indefinidamente a aprovação de uma lei anti-subversão, que Beijing queria ver aprovada rapidamente sobretudo depois de, em Outubro passado, manifestantes terem queimado em público uma fotografia do presidente Jiang Zemin. 📡



Preocupação em Marrocos



Depois da proibição de três jornais marroquinos, a revista *L'Express* manifesta (edição de 11 de Janeiro) a sua preocupação com o futuro do processo de abertura democrática iniciado no reino por Mohammed VI, o filho de Hassan II. As fontes citadas pela *L'Express* sublinham o peso excessivo que os militares estão a conquistar junto do novo rei, sobretudo depois do afastamento do todo-poderoso (e muito odiado) ministro do Interior Driss Basri. Este tinha como uma das suas missões vigiar os militares, explica o investigador Remy Leveau, especialista no Magrebe. Sem Basri, os militares sentem-se mais à vontade, até porque controlam agora também os serviços secretos, que antes dependiam do ministro do Interior. A *L'Express* lembra que “a democratização em Marrocos é como o ciclista que está a aprender: se pára de pedalar, cai”. 📡

Esperança em África

Apesar do panorama dramático que todos nós conhecemos, Alexandre Adler vê sinais de esperança no continente africano. No seu editorial no *Courrier International* de 18 de Janeiro, Adler escreve que, embora alguns Estados, demasiado fracos, tenham perdido a sua importância, a tendência, quando se trata de um grande conjunto territorial, é para que os respectivos povos se apeguem à unidade estatal. Um dos exemplos citados no texto é o do Congo Kinshasa, onde, diz o editorialista, ao contrário do que acontecia nos anos 60 com o Katanga e o Kasai, hoje “os movimentos centrífugos estão nitidamente ausentes”. Em 35 anos “naseu uma identidade congolezaire”, que é hoje “a principal força de resistência, embora passiva, à barbárie geral”. Outros exemplos em que a vontade de manter a união do Estado vence as tendências centrífugas são a Nigéria, a África do Sul e a Etiópia. Outro elemento de esperança – de “salvação”, escreve Adler – é o “pluralismo etnocultural (indo-paquistanês nuns casos, sírio-libanês noutros) que está a permitir o aparecimento em África de um capitalismo local que a pouco e pouco expulsará os predadores estrangeiros”. 📡

